

Kalinka Kriston
(Sandra C. F. Teodoro)



Filhas do
Silêncio



Copyright © AMSK/Brasil

Todos os direitos reservados. Vedada a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou qualquer meio, produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. A utilização dos dados e informações devem ser descritos com os devidos créditos. Os direitos desta obra não foram cedidos. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sandra Candido Fabrício Teodoro (Autor)

ISBN: 978-85-67708-19-5

DA-2025-102592

Capa - Título: As Filhas do Silêncio -

Autora: Kalinka Kriston (Sandra Cândido)

Tradução: Michel Luiz Kriston -

Ilustração: Imagem simbólica de mulher cigana em campo de concentração

Parcerias: AMSK - Associação Internacional Mayle Sara Kali,

IRU- Internacional Romani Union South/Escritório Brasil,

UNB - Urban Nômades Brasil

Páginas Iniciais

1. Dedicatória
2. Agradecimentos
3. Ficha Técnica Editorial
4. Prefácio
5. Apresentação Institucional
6. Introdução Histórica: O Barô Mudaripem / Samudaripem e os Campos de Mulheres

Parte I – Moringen: Onde o Silêncio Começou

Capítulo 1 – O Som que Silencia

- Kalina é capturada com sua família
- Chegada ao campo de Moringen
- Primeiros contatos com outras prisioneiras
- Início da repressão e da perda de identidade

Parte II – Lichtenburg: O Castelo que Não Protege

Capítulo 2 – O Castelo que Não Protege

- Transferência para Lichtenburg
- Conhecimento de Ilonka Weiss
- Esterilização forçada e vigilância religiosa
- Laços de solidariedade entre mulheres

Parte III – Ravensbrück: Onde o Tempo Parou

Capítulo 3 – Onde o Tempo Parou

- Condições extremas de trabalho e fome
- Morte de Ilonka e desaparecimento da irmã
- Kalina escreve em segredo seu diário
- Experimentos médicos e resistência silenciosa

Parte IV – Liberdade e Memória

Capítulo 4 – Vozes que Ecoam

- Libertação do campo
- Kalina testemunha em tribunal
- Criação do memorial e publicação do diário
- Carta às futuras gerações

Anexos

- Linha do tempo dos campos Moringen, Lichtenburg e Ravensbrück
- Fontes e bibliografia revisada
- Sugestões de leitura complementar
- Parceiros institucionais e contatos

AGRADECIMENTOS

Este livreto não teria sido possível sem a força coletiva de mulheres que resistem — ontem e hoje. Agradeço às vozes que ecoam nas páginas deste trabalho, às sobreviventes que inspiraram cada linha, e às que não puderam contar suas histórias.

Agradeço especialmente às organizações que acreditam na memória como ferramenta de justiça:

AMSK Brasil – Associação Internacional Maylê Sara Kali
seu compromisso com a dignidade, os direitos e a visibilidade das mulheres Roma e Sinti no Brasil.

IRU – Internacional Romani Union/Brasil por sua atuação
global na defesa dos direitos dos povos Romani e na
preservação de sua cultura

Urban Nômades Brasil, por promover o diálogo entre tradição e cidade, e por apoiar projetos que valorizam os saberes itinerantes.

A todas as Kalinas, Selencas, Alenkas e Maritsas que vivem em nos.

Obrigada!

FICHA TÉCNICA EDITORAL

Título: As Filhas do Silêncio

Autora: Kalinka Kriston (Sandra Cândido Teodoro)

Gênero: Ficção histórica / Memorial literário

Ano: 2025

Idioma: Português/Romanês

Parcerias: AMSK - Associação Mayle Sara Kali Brasil, IRU -
Internacional Romani Union South, Urban Nômades Brasil

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

As Filhas do Silêncio é uma obra literária com propósito memorial, educativo e cultural. Inspirada em fatos reais, ela narra a trajetória de mulheres ciganas perseguidas durante o regime nazista, com foco nos campos de concentração femininos de Moringen, Lichtenburg e Ravensbrück.

Este livreto é resultado da colaboração entre ativistas, pesquisadoras e organizações que atuam na defesa dos direitos dos povos Roma e Sinti. Ele pode ser utilizado em escolas, universidades, centros culturais e espaços de formação para promover:

-Avalorização da memória histórica dos povos ciganos -
O combate ao preconceito étnico e religioso - A reflexão sobre os direitos humanos e a resistência feminina - O reconhecimento do Samudaripen/Barô Mudaripen como parte do Holocausto

A obra está disponível para leitura, estudo e circulação em espaços que respeitam a diversidade e a dignidade dos povos tradicionais.

PREFÁCIO

Este livro nasceu da inquietação. Da dor de saber que tantas vidas foram arrancadas sem que o mundo as conhecesse. As Filhas do Silêncio não é apenas uma obra de ficção histórica — é um memorial tecido com palavras, inspirado por fatos reais, documentos, testemunhos e silêncio.

A protagonista, Kalina é uma personagem fictícia, mas sua trajetória é baseada em mulheres ciganas que passaram pelos campos de Moringen, Lichtenburg e Ravensbrück. A história delas foi por muito tempo ignorada, marginalizada, esquecida. Este livro é uma tentativa de devolver-lhes voz, nome e dignidade.

Cada capítulo é uma fresta. Uma janela aberta para o passado. E cada página é um tambor que bate não para entreter, mas para lembrar.



INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Durante o regime nazista (1933-1945), os povos Roma e Sinti conhecidos como ciganos foram perseguidos sistematicamente. Considerados “raça inferior” e “anti-sociais”, foram alvo de políticas de esterilização forçada, deportações, trabalhos forçados e assassinatos em massa. Esse genocídio é conhecido como Porajmos/Samudaripem/Barô Mudaripem no Brasil, que significa “grande matança” em romani.

Poucos falas sobre os campos de concentração femininos. Moringen, ativo entre 1933 e 1937, foi um dos primeiros campos para mulheres. Lá, muitas prisioneiras eram Testemunhas de Jeová, opositoras políticas e ciganas. Com o fechamento de Moringen, muitas foram transferidas para Lichtenburg, um castelo convertido em prisão. Em 1939, cerca de 40% das mulheres lá eram Testemunhas de Jeová.



INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O maior campo feminino foi Ravensbrück, inaugurado em maio de 1939.

Lá, mulheres de diversas origens foram submetidas a trabalhos forçados, experimentos médicos e execuções.

Entre elas, estavam milhares de mulheres Roma e Sinti muitas sem registro, sem nome, sem voz.

Este livro é sobre elas.





CAPÍTULO 1





Moringen, Alemanha – Outubro
de 1936

O tambor parou de bater no instante em que os soldados cruzaram o acampamento. Kalina, 17 anos, segurava o instrumento contra o peito como quem protege um coração. Sua mãe, Ana Lina, puxou-a pelo braço, tentando esconder os rostos atrás de uma carroça. Mas era tarde. Eles vieram com ordens, com papéis carimbados e olhos que não viam pessoas apenas categorias.

Kapitolo 1 – O Glasso phanglo
Moringen, Niamtzo – Oktòbro
1936

O tambura ashili te marel ko momenti kana o ketani nakhle o kimpo. I Kalina, 17 bershengui, astarta o instrumento pe pesko kolin sar te arakhel o ilo. Laki dei, e Ana Lina, astarta la katar o vast, zumavindoi te garavel lengue muia palo vurdon. Numa sas but palal. Von avile e petchatchime, e lilaça shhivde thai iakha save na dikhenas manushen numa kategorie.



“Antissociais. Vadiagem.
Elementos nômades.” "Palavras
frias que justificavam o arrasto".

Kalina não entendia o alemão
dos oficiais, mas compreendia o
tom. Era o mesmo que se usava
para expulsar cães de uma praça.
Ela, sua mãe e sua irmã menor,
Alenka, foram levadas em um
caminhão coberto por lona.
O tambor ficou para trás, jogado
na lama como um corpo sem
nome.

“Antisocijalno. Vagrantura.
Nomadikane elementura.”
“Shukar vorbe save
justifikisarde o roundup.”

I Kalina na hatcharelas e
oficerengui germanikani shib,
numa vo hatcharelas lengo tonu.
Sas sa kodo sar so sas te traden le
psen katar o than. Voi, laki dei
thai laki mai terni phei, e Alenka,
sas inguerde ande iekh kamiono
vusharado tserassa. Ê tambura
sas mukhli palal, shudini ande
tchik sar iekh bi-anavesqo trupo.



Campo de Moringen –
Novembro de 1936

O lugar parecia um internato abandonado. Grades nas janelas, corredores úmidos, cheiro de desinfetante e medo. Kalina foi separada da mãe e da irmã. Recebeu um uniforme cinza, sem nome, sem cor. As outras mulheres algumas jovens, outras idosas falavam pouco. Algumas eram Testemunhas de Jeová, outras comunistas, outras simplesmente pobres demais para serem deixadas em paz.

Moringen Camp – Novembro
1936

O than dikhelas sar iekh mukhli internato. Phangle, shorore éorore, o miripe e dezinfektziako thai dar. I Kalina sas hulavdi katar peski dei thai peski phen. Voi sas dini iekh lole uniforma, bi anavesko, bi koloresko. E aver djuvli nesave terne, nesave phure na vorbinas tikno. Varesave sas e Jehovaske Marturia, varesave komunistura, varesave sas but shorore te mukhen len korkore.



Mulheres e crianças judias selecionadas para morrer caminham para a câmara de gás em Auschwitz, em 1944. USHMM

“Aqui, até o silêncio tem regras,” disse uma mulher chamada Frieda, que costurava em silêncio”.

Kalina foi designada à lavanderia. Lavava lençóis que não cobriam ninguém, esfregava manchas que não eram suas. À noite, escrevia com o dedo na parede: nomes, lembranças, versos. Era sua forma de resistir.

"Kathe, vi o éucípen si les règule," phendias iekh djuvli andar o anav Frieda, savi suvelas ando éucípen”.

I Kalina sas tradini te halavel gada. Voi thovelas lila save na garavenas khanikaske, thovelas e thana save na sas lake. Ratyi, voi ramolas peske vastesa po zido: anava, memori, strofe. Sas lako drom te kerel resipe.



Dezembro de 1936

Um guarda a viu cantar baixinho uma canção romani. Ele a puniu com isolamento. Três dias em uma cela sem luz, sem comida. Quando saiu, seus olhos estavam mais escuros, mas sua voz mais firme.

“Em Moringen, nos tiraram os tambores. Mas não conseguiram tirar o ritmo do nosso sangue.”

Decembro 1936

Iek ketana dikhlas la sar gilabelas kovles iek romani gili. Vov dineas la strafo e phanglimasa korkorri. Trin djes ande iekh cella bi lusosko thai bi habenesko. Kana voi anklisti avri, lake iakha sas mai kalo, numa lako glaso sas mai zuralo.

"Ando Moringen, line amare tambura. Numa nashti te len o ritmo katar amaro rat."



Fevereiro de 1937

Ana Lina e Slenka foram transferidas para outro campo. Kalina não soube qual, ela ficou Sozinha. Mas não calada, Começou a ensinar outras prisioneiras a cantar em romani, em sussurros. A música virou código, consolo, resistência.

Februari 1937

I Ana Lina thai i Slenka sas tradine ande aver kimpo,
I Kalina na janelas savo, Voi ashili, Korkorro. Numa nas muto. Voi astarda te sikavel e ka avren phangle te gilaben pe romani shib, shushimasa. I muzika kerdili semno katar e zor, iekh janglipe.



• US Holocaust Memorial Museum

Março de 1938

A ordem chegou: transferência para Lichtenburg. Kalina foi colocada em um trem com outras mulheres. Algumas choravam. Outras apenas olhavam pela janela, como se buscassem um céu que não as esquecesse.

“Não éramos criminosas!
Éramos Roma! E isso bastava.”

Marto 1938

O òrdino areslo: transfero ando Lichtenburg. E Kalina sas shutini ando treno kaver jhuvla. Nesave rovenas. Le kaver numa avri dikhenas pa o vudar, sar te rodenas iekh tcheri, sar te na bistrela len.

“Ame tchi samas kriminalurial!
Ame samas roma! Thai kodo sas dosta.”



Dezembro de 1936

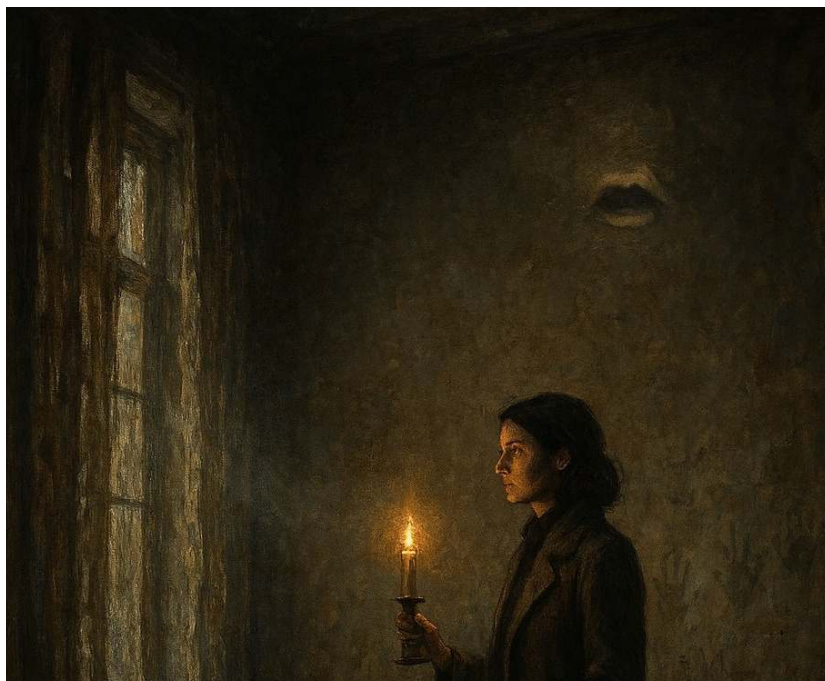
Um guarda a viu cantar baixinho uma canção romani. Ele a puniu com isolamento. Três dias em uma cela sem luz, sem comida. Quando saiu, seus olhos estavam mais escuros, mas sua voz mais firme.

“Em Moringen, nos tiraram os tambores. Mas não conseguiram tirar o ritmo do nosso sangue.”

Decembro 1936

Iek ketana dikhlas la sar gilabelas kovles iek romani gili. Vov dineas la strafo e phanglimasa korkorri. Trin djes ande iekh cella bi lusosko thai bi habenesko. Kana voi anklisti avri, lake iakha sas mai kalo, numa lako glaso sas mai zuralo.

"Ando Moringen, line amare tambura. Numa nashti te len o ritmo katar amaro rat."



CAPÍTULO 2 - O CASTELO QUE NÃO PROTEGE



Lichtenburg, Alemanha –
Março de 1938

O trem parou diante de uma
construção imponente: torres
de pedra, muralhas antigas,
janelas estreitas. Um castelo!
Mas não havia nobreza ali
apenas grades, gritos abafados
e o cheiro de medo.

Lichtenburg, o campo de
concentração instalado num
antigo castelo, era agora
prisão para centenas de
mulheres.



“VOCÊ
AGORA É Z
38-117”

Kapitulo 2 – O kaštelo kai tchi
arakhel

Lichtenburg, Nhamtso – Marto
1938

O treno ashilo anglal iekh baro
kher: kashtune turne, purane
ziduria, tsikne vudara. Iekh
kaštelo.

Numa na sas odothe
nobiletonuma bare, tchorre
grilazo, thai o miripe e darako.
O Lichtenburg, o
koncentraciako lageri kerdo ano
purano kaštelo, akana sas
phandipe vash shela djuvlja.

Obras de construção são novamente necessárias no Lichtenburg, razão pela qual as exposições precisam ser realocadas. Foto: Sebastian Lehner

Kalina desceu do vagão com os olhos secos, aprendera a não chorar.

Ao seu lado, uma mulher idosa murmurava orações em romani.

Guardas gritavam ordens. Nomes eram apagados e substituídos por números.

“Você agora é Z 38-117,” disse uma guarda, sem olhar nos olhos de Kalina.

O bloco das Roma e Sinti (ciganas)

Kalina foi levada ao bloco das “anti-sociais”. Lá estavam mulheres Roma e Sinti prostitutas, mendigas, e outras que o regime considerava “indesejáveis”.

O chão era frio, os colchões finos como papel. Mas havia vozes, e entre elas, uma se destacou.



I Kalina shhudias pes tele andar o treno, lake iakha sas shukar. Voj sitchili te na rovel. Pasha late, iekh phuri romni murmuncisardas rudimata pe romani shīb. Le ketani dine ordina. E anava sas hasarde thai paruvde e cifrentsa.

"Tu san akana Z 38-117," phendas iekh ketana, bi te malavel e Kalinake iakha.

Lê djuvliangui Block

E Kalina sas inguerdi ando "antisocialno" bloko. Sas Gypsy djuvliā, prostitutke, manguitora, thaiaver so o rejimo dikhel sar "na-kamle". Ê phuv sas shudri, e thana te soven sas tikne ai sane sar rertia. Numa sas glasura. Thai mashkar lende, iekh ashundilo mai zurales.

“Você é nova. Vai aprender a sobreviver. Mas primeiro, aprenda a calar,” disse uma mulher de cabelos prateados e olhos de tempestade.

Seu nome era Selenka Weiss, uma Sinteza de 42 anos. Ela havia passado por prisões, campos e interrogatórios. Sabia quando falar, quando esconder, quando cantar — e quando transformar silêncio em escudo.

VOCÊ É NOVA.
VAI APRENDER A
SOBREVIVER.
MAS PRIMEIRO,
APRENDA A
CALAR,”

Foto: Wikimedia



"Tu san terni. si te sitchos te trajis. Numa mai anglal trubul te sitchos te ashes muto," phendias iekh juvli sumnakune balentsa thai balvalengue jakhendar.

Lako anav sas Selenka Weiss, 42 bershengi Sinteza. Voj nakhlas katar o phanglipe, e kampuria thai e pushipe. Voi djanelas kana te del duma, kana te garavel pes, kana te gilabel - thai kana te kerel o cúcipe sar iekh skùto.



O complexo Lichtenburg Prettin cobre aproximadamente 23.000 metros quadrados, dos quais apenas um quarto está atualmente em uso. (Foto: Thomas Keil)

A escola do silêncio

Selenka ensinou kalina a resistir sem levantar a voz. Elas criaram códigos com batidas na parede, com fios escondidos nas roupas, com olhares. À noite, Selenka contava histórias de sua infância em caravanas, de danças sob a lua, de tambores que falavam com os deuses.

“Eles podem nos tirar tudo, Mirela. Mas não podem apagar o que já foi vivido.”

I škòla vaś o ćucípen

I Selenka sikada e Kalina te kerel resipe bi te vazdel o glaso. Von kerde kode e marde pe ziduriá, e tela garade ande lengue gada, e dikhimasa. Ratiassa, e Selenka motholas paramichi anda pesko shavorikano traio ande karavanura, anda kheliba tela o shoniko, anda tambura save vorbinas le devlengue.

"Von shai te len sa amendar, Mirela. Numa von nashti te hasaren so amen aba nakhas."



A primeira perda

Em junho, uma jovem chamada Marika foi levada para “exames médicos”, ela nunca voltou. Selenka explicou que estavam começando as esterilizações forçadas parte da política de “higiene racial” do regime.

“Eles querem que sejamos a última geração. Mas cada memória que guardamos é uma semente.”

O angluno hasaripe

Ando juni sas iekh terni djuvli
khai bushol Marika ingerdi pe
"medecinska undersökningar."
Thai ti mai amboldias.
O Selenka phendas kai e zorasa
sterilizirime si te astaren pes iekh
kotor katar e politika "rasno
higiena" e rejimoski.

"Von kamen te avas e paluni
generatzia. Numa sako memoria
savi garavas si seme."

O castelo que não protege

Lichtenburg era belo por fora,
cruel por dentro.

Kalina começou a escrever
versos em pedaços de pano,
escondidos sob o colchão.
Selenka lia e sorria.

“Você escreve como quem
dança. Um dia, isso vai salvar
você.”

“VOCÊ ESCREVE
COMO QUEM
DANÇA. UM DIA,
ISSO VAI SALVAR
VOCÊ.”

Foto: Wikimedia



O kaštelo kai tchi arakhel

O Lichtenburg sas shukar
avrial, thai krujal andral. I
Kalina astarda te ramol stihura
pe kotora gadengue, garavde
telal o matraco. I Selenka
djinelas ai assalas.

"Tu hramosares sar vareko so
kheles. iekh dives, kodo si te
skepil tut."

Outubro de 1939

A ordem chegou: transferência para Ravensbrück. Kalina e Selenka seriam levadas juntas. O trem partiria ao amanhecer. Antes de dormir, Selenka entregou a kalina um pequeno medalhão com a imagem de uma roda.

“A roda gira, kalina. E nós giramos com ela. Nunca se esqueça: somos filhas do vento.”

“A RODA GIRA,
KALINA. E NÓS
GIRAMOS COM
ELA. NUNCA SE
ESQUEÇA:
SOMOS FILHAS
DO VENTO.”

Oktòbro 1939

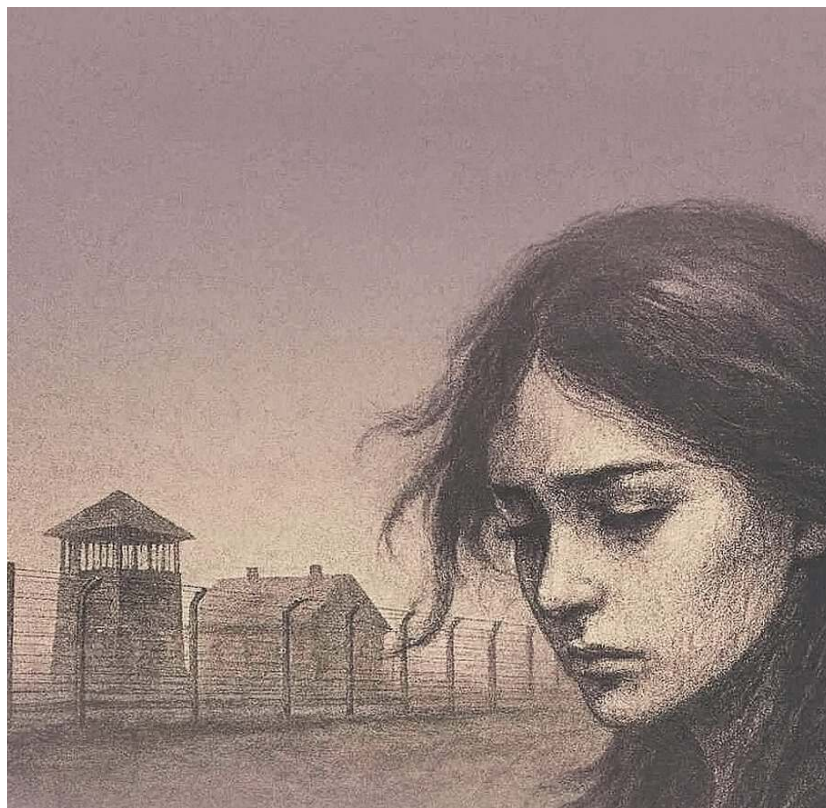


O òrdino areslo: transfero ando Ravensbrück. I Kalina thai e Selenka ka len pes khetane. O treno anklel diminiatsi. Anglal te sovel, i Selenka dia e Kalinake iekh tsikno medaliono savo sas les o tasvir e rotako.

"Ê rata phirel, kalina. Thaj amen phiravas lassa. Nikada na bister: amen sam e balvalengue sheiá."



CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE
LICHTENBURG, ALEMANHA



CAPÍTULO 3 - ONDE O TEMPO PAROU

Capítulo 3 – Onde o Tempo Parou

Ravensbrück, Alemanha –
Outubro de 1939

O trem parou em meio à névoa. Não havia estação, apenas uma cerca alta, torres de vigilância e um portão de ferro com letras duras: Arbeit macht frei. Kalinka olhou para Ilonka, que apertava o medalhão em forma de roda entre os dedos.

“Aqui, o tempo não anda. Ele espera que a gente desista,” sussurrou Selenka.



“AQUI, O TEMPO
NÃO ANDA. ELE
ESPERA QUE A
GENTE DESISTA,”
SUSSURROU
SELENKA.

Kapitulo 3 – Kai ê vrama ashili

Ravensbrück, Nnhamtso –
Oktòbro 1939

O treno ashilo ande bruma. Na sas statzia, numa iekh baro kher, khera, thai iekh vutcho vudar thai vutche ziduriá ai zurale vorbi ramnone: Arbeit macht frei. I Kalinka dikhelas pe Selenka, savi astarelas o medaliono zurale mashkar lake naiá.

"I vrama ashel kate. Ajukerel amen te das amen," phenel e Selenka.

O campo das mulheres

Ravensbrück era diferente.
Não havia homens. Só
mulheres — milhares delas.
Júdias, (Roma e Sinti) ciganas,
comunistas, Testemunhas de
Jeová, prostitutas, deficientes.
Todas misturadas, todas
marcadas. Mirela recebeu um
novo número. Um novo
uniforme. Um novo silêncio.

“Você não é mais kalina Você
é Z 117-R,” disse a guarda,
sem emoção.



Visita de Himmler a Ravensbrück em 1940.



Ravensbrück em 1940.

E djuvlikano kimpó

O Ravensbrück sas aver. Na sas
mursha. Numa djuvlia—thai but
lendar sas jidaia, (Roma tai Sinti),
ciganura, komunisturia, Marturia
le Jehovahske, prostitutki,
invalidura. Sa khetane, sa
markime. E Mirela sas dino iekh
nevo numero. iekh nevi uniforma.
jekh nevo ćúcipe.

"Tu tchi mai san Kalina. Tu akana
san Z 117-R," phendas ê ketana,
bi emociengo.

Trabalho forçado

Kalina foi designada à fábrica da Siemens, onde montava peças metálicas sob luzes frias e vigilância constante. Os dedos sangravam. As costas doíam. Mas ela cantava por dentro. Ilonka trabalhava na cozinha, onde escondia cascas de batata para dividir com Kalina à noite.

“Cada casca é um pedaço de esperança,” dizia ela.



“CADA CASCA
É UM PEDAÇO
DE
ESPERANÇA,”
DIZIA ELA.

Zorasa butchi

I Kalina sas tradini kai fabrika e Siemens, kote so voi kerdas metaloske katora telal tato lampi thai konstantno dikhipe. Leske naiá pherdo rat. Laki zeia dukhavelas. Numa voi gilabelas andre. I Selenka kerelas butchi ki kuhnia, kote so garavelas e kolompiria shukar te ulavel e Kalinasa ratiassa.

"Sako shelo si kotor e nadejesko," phendas voj.

Foto de The Grosman and Gross families



Experimentos

Em dezembro, começaram os rumores. Médicos chegavam com jalecos brancos e cadernos. Escolhiam mulheres jovens, fortes. Alenka, a irmã de kalina, estava entre elas levada de outro bloco. Kalina tentou vê-la, mas foi impedida. Dias depois, soube que Alenka havia sido esterilizada.

“Eles querem que sejamos o fim. Mas somos o começo de algo que eles nunca vão entender.”

Eksperimenturia

Ko Decembro, kezdisarde e paramishe. Le doktorura areсле parne paltoncar thai tefterencar. Alosarde terne, zurale jhuvlian. I Alenka, e Kalinaki phen, sas mashkar lende—li katar aver bloko. I Kalina zumadas te dikhel la, numa sas phangli. Nesave divesa maj palal, voj ashundas ke i Alenka sas sterilizirime.

"Von kamen te avas o agor. Numa amen sam o angluno kotor katar vareso so von tchi si te aliaren."



A morte de Selenka

Em fevereiro de 1942, Selenka adoeceu. A febre veio rápida, e os remédios nunca chegaram. Kalina ficou ao lado dela até o último suspiro. Antes de partir, Selenka entregou o medalhão a Kalina.

“A roda gira, minha menina. Continue girando. Continue lembrando.”

Selenkako meripe

Ando februarî 1942, e Selenka nasfvaiili. E febra sigo avilas, thai e medicina tchi areslas. I Kalina ashili pasha late ji ko lako paluno haburo. Anglal te jal ka Del, ê Selenka dia e Kalinake o medaliono.

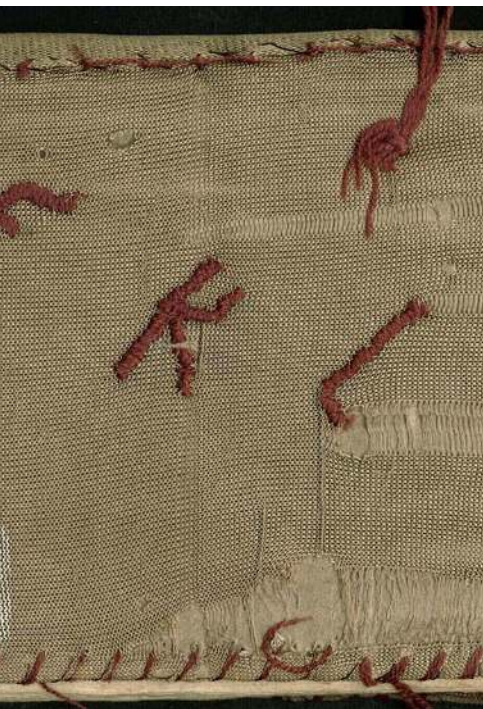
"O rata phirel, mutri shei. Te phires mai dur. Te na bistres."

O diário escondido

Kalina começou a escrever em tiras de tecido, escondidas sob o assoalho do barracão.

Escrevia nomes, datas, canções. Escrevia para que o mundo soubesse. Para que o vento levasse as histórias que o campo tentava apagar.

“Ravensbrück não tinha janelas para o mundo. Mas nós criávamos frestas com histórias, cantos e lembranças.”



“A RODA GIRA,
MINHA MENINA.
CONTINUE
GIRANDO.
CONTINUE
LEMBRANDO.”

O garavdo divano

I Kalina astarda te ramol pe
lila, garavde telal e phuv
kashtui. Voi hramosardas
anava, data, gilia. Voj
hramosarda te djanel e lumia.
Akana o brishind ka lel e
paramishe save o kimp
zumadas te hasarel.

"O Ravensbrück na sas les
feliastre ka ê lumia. Numa
amen kerdam pharipa e
paramishentsa, giliasa thai
memorientsar."

Abril de 1945

O som dos aviões chegou antes dos soldados. O campo foi libertado.

Kalina saiu com o medalhão no pescoço e o diário escondido sob a roupa.

Ela não sabia para onde iria, mas sabia o que precisava fazer: contar.

ELA NÃO SABIA
PARA ONDE IRIA,
MAS SABIA O
QUE PRECISAVA
FAZER: CONTAR.



Aprilo 1945

O glasso le avionengo areslas
lende mai angla katar le ketani.

O kimpo sas mukhlo.

I Kalina anklisti avri e
medaljonesa kruial lako shero
thai o diari garavdo telal lake
gada.

Voi tchi jhanglas kai jhal,
numa jhanglas so trubul te
kerel: te phenel e paramichi.

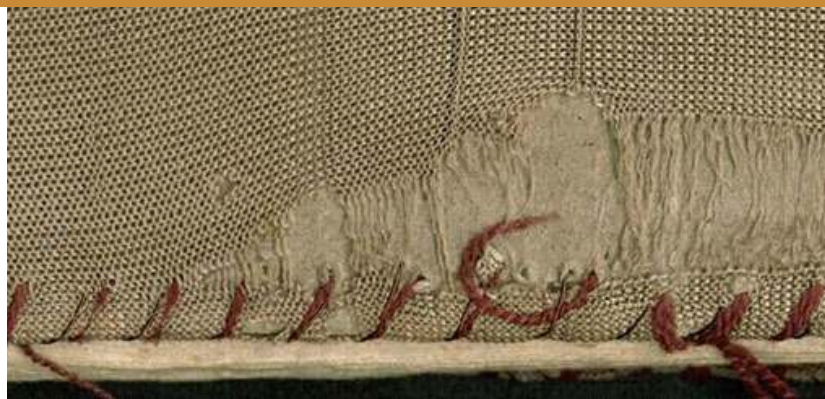
Guarda nazista que trabalhou em Ravensbrück e registrou atrás desta que aquele
foi um "tempo maravilhoso".



HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM
GIFT OF GITTA ROSENZWEIG



CAPÍTULO 4 - VOZES QUE ECOAM



Capítulo 4 – Vozes que Ecoam

Berlim, Alemanha – Julho de 1946

O tribunal estava cheio. Não de justiça — ainda não — mas de olhos que buscavam entender o que haviam ignorado por anos. Kalina uma romni agora com 27 anos, sentava-se diante de juízes, jornalistas e sobreviventes. O medalhão em forma de roda pendia sobre seu peito. Em suas mãos, o diário costurado com tiras de tecido. “Meu nome é Kalina. Fui prisioneira em Moringen, Lichtenburg e Ravensbrück. E hoje, eu falo por aquelas que não puderam.”



“NÃO ESCREVI
PARA LEMBRAR.
ESCREVI PARA
IMPEDIR QUE O
MUNDO
ESQUECESSE.”

Kapitulo 4 – Gassuriá kai jan dur

Berlin, Nhamtso – Juli 1946

E krisi sas pherdi. Na e justiciasa—
na inke—numa e jakhentsaa save
rodenas te akharen so von
ignorisarde but bershá. I Kalinka,
iekh 27-bershengui romani djuvli,
beshelas anglal krisaripe,
jurnalistura, thai djivdine manusha.
O medaljono sar ê rata phanglo sas
pe lako shero. Ande lake vasta, o
jurnalo suvdo kotorentsa katar lako
fistano.

"Muro anav si Kalinka. Me simas
phangli ando Moringen,
Lichtenburg, thaj Ravensbrück.
Thai adjês, me dav дума pala
kodola kai nashtissarde te den
дума."

Ela não chorou. Não tremeu.
Leu os nomes das mulheres
que conheceu. Contou sobre
Selenka, sobre Alenka, sobre
Maritsa. Sobre o tambor que
ficou na lama. Sobre o pão
escondido. Sobre os cantos
em romani que resistiram ao
silêncio.

“Não escrevi para lembrar.
Escrevi para impedir que o
mundo esquecesse.”



Voi ti rovelas. Voi ti sdralas. Voi
ginglas e anava e djuvljenge save
voi prindjardias. Voi phendias
lengue pa Selenka, pa Alenka, pa
Maritsa. O tambura kai ashilo
ande tchik shudino. O garado
manro. O Romane djilia so
rezistirinde o mui.

“Me ti ramosardem te serav man,
ramosardem te na bistrel e
lumia.”



A carta final

Antes de deixar Berlim, Kalina escreveu uma carta. Não para alguém específico — mas para o tempo. Para o futuro. Para quem quisesse escutar. Aos que virão depois de nós, Fomos chamadas de sujas, de errantes, de inúteis. Mas éramos mães, filhas, cantoras, dançarinas. Fomos silenciadas, mas nunca apagadas. Cada canção que cantamos em segredo foi uma semente. E agora, vocês são o jardim.



“CADA CASCA
É UM PEDAÇO
DE
ESPERANÇA,”
DIZIA ELA.

O paluno lil

Anglal te mukhel o Berlino, ê
Kalina hramosardias iekh lil. Na
khanikaske ande partikularno—
numa e vramake. mai anglê
Savorrengue kai kamela te
ashunel.

Kodolengue kai aven pala
amende mai anglê;
Amen samas akharde melale,
phirutne, bi-lashe. Numa amen
samas deia, sheiá, kai djilabassas
thai khelassas. Amen samas
shinde, numa shohar sas xasarde
Sako djili kai djilabassas garade
sas iekh seme. Thai akana, tu san
lê luludiá anda sado.



Magyar Nemzeti Múzeum Történeti Fényképtár

Não deixem que nos esqueçam.
Não deixem que o vento leve
tudo. Guardem nossos nomes.
Contem nossas histórias. E
quando ouvirem um tambor,
lembrem-se: ele pode ter sido o
coração de uma cigana.

Com amor e memória,
Kalina (Romni)

Te na bistren amen. Na mukh e
barval te ninguerel sa. Te
garaven amare anava. Phenen
amare paramishe. 'Thaj kana
ashussas iekh tambura te bashel,
te na bistren: shai te avelas o ilo
iekhe romesko.

E kamnimassa thai e memoriasa,
Kalina (Romni)



Colaboração: Yad Vashem

Epílogo

Kalina nunca voltou a viver em acampamentos. Estabeleceu-se em uma vila pequena, onde ensinava música às crianças. O medalhão de Slenka ficou pendurado na porta de sua casa. E o vento, sempre que passava, parecia cantar.

Epilogo

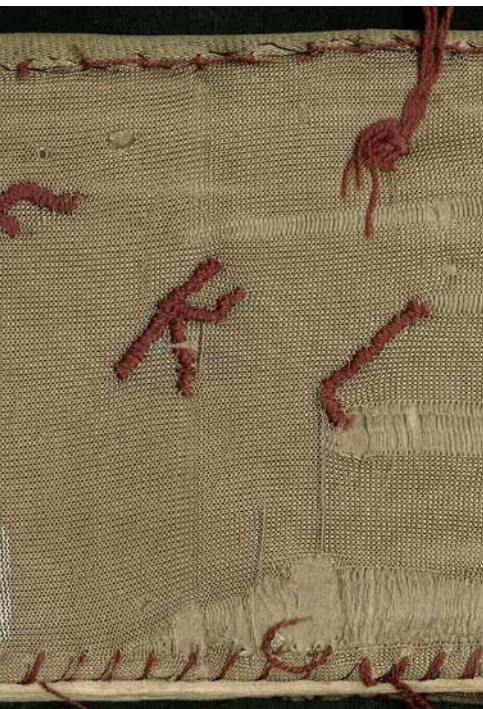
I Kalina ti amboldias te trail ando kimpó . Ande iekh tsikno gav beshlas, kothe muzika sikavelas le shavorengue. E Slenkako medaljono phandlo pe lako vudar. Thai e barval, kana phurdelas, bashelas sar iek djili.

O diário escondido

Kalina começou a escrever em tiras de tecido, escondidas sob o assoalho do barracão.

Escrevia nomes, datas, canções. Escrevia para que o mundo soubesse. Para que o vento levasse as histórias que o campo tentava apagar.

“Ravensbrück não tinha janelas para o mundo. Mas nós criávamos frestas com histórias, cantos e lembranças.”



“A RODA GIRA,
MINHA MENINA.
CONTINUE
GIRANDO.
CONTINUE
LEMBRANDO.”

O garavdo divano

I Kalina astarda te ramol pe
lila, garavde telal e phuv
kashtui. Voi hramosardas
anava, data, gilia. Voj
hramosarda te djanel e lumia.
Akana o brishind ka lel e
paramishe save o kimp
zumadas te hasarel.

"O Ravensbrück na sas les
feliastre ka ê lumia. Numa
amen kerdam pharipa e
paramishentsa, giliasa thai
memorientsar."

Abril de 1945

O som dos aviões chegou antes dos soldados. O campo foi libertado.

Kalina saiu com o medalhão no pescoço e o diário escondido sob a roupa.

Ela não sabia para onde iria, mas sabia o que precisava fazer: contar.

ELA NÃO SABIA
PARA ONDE IRIA,
MAS SABIA O
QUE PRECISAVA
FAZER: CONTAR.



Aprilo 1945

O glasso le avionengo areslas
lende mai angla katar le ketani.

O kimpo sas mukhlo.

I Kalina anklisti avri e
medaljonesa kruial lako shero
thai o diari garavdo telal lake
gada.

Voi tchi jhanglas kai jhal,
numa jhanglas so trubul te
kerel: te phenel e paramichi.



LÊ PAPUCHAKALINKA
BARÔ MUDARIPEN/SAMUDARIPEN



ANEXOS



Campo de Concentração de Moringen – Alemanha (1933–1937)

O campo de Moringen estava localizado na cidade de Moringen, no estado da Baixa Saxônia, Alemanha. Situava-se em um antigo hospital psiquiátrico, construído no século XIX, que foi adaptado pelo regime nazista para funcionar como centro de detenção.

Antes de se tornar um campo de concentração, o local servia como instituição de saúde mental. Com a ascensão de Hitler ao poder em 1933, o prédio foi rapidamente convertido em um dos primeiros campos de concentração do Reich, inicialmente para homens e, pouco depois, para mulheres.

Entre 1933 e 1937, Moringen passou a receber mulheres consideradas “indesejáveis” pelo regime nazista. Foi o primeiro campo de concentração feminino da Alemanha, funcionando como um “modelo experimental” para a repressão de mulheres antes da criação de Lichtenburg e Ravensbrück.

Quem eram as prisioneiras:

- Opositoras políticas: comunistas, socialistas, sindicalistas
- Testemunhas de Jeová: perseguidas por sua fé e recusa em jurar lealdade ao Reich
- Mulheres rotuladas como “associais”: mães solteiras, prostitutas, sem-teto, alcoólatras
- Ciganas (Roma e Sinti): alvo de políticas raciais e eugenistas
- Mulheres com deficiência ou transtornos mentais: vítimas da política de “higiene racial”

As prisioneiras viviam sob isolamento extremo, vigilância constante e trabalho forçado em lavanderias, cozinhas e oficinas. Sofriam doutrinação ideológica, castigos físicos e psicológicos, e eram privadas de contato com suas famílias. Algumas foram submetidas a esterilizações forçadas, especialmente mulheres ciganas e “associais”.

Testemunho marcante:

Margarete Buber-Neumann

Comunista alemã presa em Moringen e depois transferida para Ravensbrück - Relato:

“A fome era constante. A humilhação, diária. Mas o pensamento livre era minha última liberdade.”

- Legado: Seu livro Prisioneira de Stalin e Hitler tornou-se referência na literatura testemunhal

Presença Roma e Sinti:

Embora os registros sejam limitados, sabe-se que mulheres Roma e sinti foram mantidas em Moringen antes da criação de campos maiores. Elas eram rotuladas como “associais” e submetidas a isolamento racial, trabalho degradante e esterilizações forçadas.

“Nos chamavam de sujeira. Nos raspavam. Nos separaram dos filhos. Moringen foi o começo do fim.”

Relato anônimo preservado nos Arolsen Archives

Legado histórico:

Moringen é lembrado como o primeiro campo de concentração feminino do Terceiro Reich. Serviu como base para a estrutura repressiva de Lichtenburg e Ravensbrück. Hoje, o local abriga um memorial dedicado à repressão feminina, à perseguição religiosa e ao genocídio cigano.

Memorial Moringen – Site oficial

Resumo: Campo de Concentração de Lichtenburg – Alemanha
O Castelo de Lichtenburg, localizado em Prettin, Saxônia-Anhalt, foi um dos primeiros campos de concentração nazistas estabelecidos após a ascensão de Hitler ao poder em 1933.

Principais características:

- Fundação: Criado em 1933 para abrigar presos políticos e outros grupos perseguidos pelo regime nazista.
- Grupos detidos: Incluía comunistas, social-democratas, Testemunhas de Jeová, homossexuais, “associais” e “degradadores raciais”.
- Mudança de função: Em 1937, Lichtenburg foi transformado no primeiro campo de concentração feminino do Reich, substituindo o campo de Moringen.
- Administração: Subordinado diretamente à SS e à Inspetoria de Campos de Concentração.
- Transferência: Em 1939, as prisioneiras foram transferidas para o recém-criado campo de Ravensbrück, que se tornou o principal campo feminino nazista.

Legado histórico:

- O campo de Lichtenburg representa um marco na repressão sistemática contra mulheres opositoras e marginalizadas pelo regime nazista.
- Hoje, o local abriga um memorial dedicado à preservação da memória das vítimas e à educação sobre os horrores do nazismo.

Resumo: Campo de Concentração de Ravensbrück – Alemanha

O campo de Ravensbrück, localizado ao norte de Berlim, foi o maior campo de concentração feminino do regime nazista.

Fundado em maio de 1939, ele substituiu o campo de Lichtenburg como principal centro de detenção para mulheres consideradas "indesejáveis" pelo Terceiro Reich.

Características principais:

- População prisional: Exclusivamente feminina, com exceção de um pequeno campo masculino criado posteriormente.
- Grupos perseguidos: Mulheres comunistas, socialistas, Testemunhas de Jeová, ciganas, prostitutas, "associais", judias e opositoras do regime.
- Administração: Subordinado à SS, com guardas femininas treinadas em campos como Lichtenburg.

Chegada das mulheres Roma e Sinti:

- Em 29 de maio de 1939, Ravensbrück recebeu o primeiro comboio de cerca de 400 mulheres ciganas austríacas, principalmente da etnia Roma.
- Essas mulheres foram classificadas como “associais” e “racialmente inferiores” pelo regime nazista.
- Foram submetidas a esterilizações forçadas, trabalho escravo, isolamento extremo e, em muitos casos, experimentos médicos.

Relato real – Ceija Stojka (sobrevivente Roma):

“Quando chegamos, nos separaram dos homens. As crianças choravam. As mulheres gritavam. O chão era de lama e o ar, de medo. Eu tinha dez anos e sabia que a morte morava ali.”

Fonte: autobiografia publicada em 1999

Esse comboio marca o início da implementação do Porajmos/Samudaripen, o genocídio dos Roma e Sinti, reconhecido oficialmente décadas depois.

Chegada das mulheres judias:

- As primeiras mulheres judias começaram a ser enviadas para Ravensbrück em 1942, durante a intensificação da política de extermínio nazista.
- Muitas vieram de países ocupados, como França, Polônia, Hungria e Países Baixos.
- A partir de então, o campo passou a integrar o sistema de trabalho forçado, com prisioneiras judias sendo exploradas em fábricas de armamentos e submetidas a condições desumanas.

Experimentos e brutalidade: - Médicos nazistas realizaram experimentos médicos cruéis em prisioneiras, especialmente em mulheres polonesas conhecidas como “coelhas”.

- O campo também tinha uma câmara de gás, usada principalmente a partir de 1944, quando o número de mortes aumentou drasticamente.
- Crianças, bebês e mulheres grávidas também foram vítimas da fome, doenças e assassinatos sistemáticos.

Legado e memória:

- Estima-se que cerca de 130 mil mulheres passaram por Ravensbrück; mais da metade não sobreviveu.
- Entre as sobreviventes estão Krystyna Zaorska, Geneviève de Gaulle-Anthonioz, Margarete Buber-Neumann e Ceija Stojka, cujos testemunhos ajudaram a revelar os horrores vividos.
- Hoje, o local abriga um memorial internacional, que preserva a memória das vítimas e promove educação sobre os crimes do nazismo, com foco especial na resistência feminina.

Memorial Ravensbrück – Site oficial

Linha do Tempo

Mulheres nos Campos de Concentração Femininos Nazistas

1933 – Início da repressão

- Após a ascensão de Hitler ao poder, o regime nazista começa a prender opositores políticos.
- O Castelo de Lichtenburg, em Prettin, é transformado em um dos primeiros campos de concentração para homens.

Elisabeth von Thadden

- Campos: Vigada desde 1933, executada após prisão em 1944
- Perfil: Aristocrata, pedagoga e cristã luterana
- Relato: “A fé cristã me obriga a agir. Não posso assistir à perseguição sem me levantar.”
- Contribuição: Atuou na resistência alemã, ajudando judeus
- Legado: Mártir da resistência cristã, homenageada em memoriais alemães

1933–1937 – Campo de Moringen

- O campo de Moringen, na Baixa Saxônia, abriga mulheres pela primeira vez.
- Prisioneiras incluem opositoras políticas, Testemunhas de Jeová e mulheres consideradas “associais”.

Margarete Buber-Neumann

- Campos: Moringen → Ravensbrück
- Perfil: Comunista alemã, ativista e escritora
- Relato: “A fome era constante. A humilhação, diária. Mas o pensamento livre era minha última liberdade.”
- Contribuição: Denunciou os regimes nazista e soviético
- Legado: Autora de Prisioneira de Stalin e Hitler, referência na literatura testemunhal

1937 – Lichtenburg se torna campo feminino

- O campo de Lichtenburg é convertido exclusivamente para mulheres.
- Torna-se o primeiro campo feminino oficial do Reich, sob controle direto da SS.

Gertrud Lutz

- Campos: Lichtenburg → Ravensbrück
- Perfil: Testemunha de Jeová, presa por sua fé
- Relato: “Eles queriam que eu assinasse um papel renunciando à minha fé. Eu disse: ‘Prefiro morrer livre do que viver escrava.’”
- Contribuição: Resistência religiosa sob tortura
- Legado: Símbolo da liberdade de consciência e fé

1939 – Fundação de Ravensbrück

- O campo de Ravensbrück é inaugurado como o maior campo de concentração feminino da Alemanha nazista.
- Mulheres de diversas nacionalidades são enviadas para lá, incluindo alemãs, polonesas, francesas e soviéticas.

Milena Jesenská

- Campo: Ravensbrück
- Perfil: Jornalista tcheca, tradutora e intelectual antifascista
- Relato: “A escrita era minha arma. A verdade, minha trincheira.”
- Contribuição: Ajudou judeus a fugir da Tchecoslováquia ocupada
- Legado: Seus textos sobrevivem como testemunhos da lucidez em meio à barbárie

1939 - Chegada das mulheres Roma e Sinti:

- Em 29 de maio de 1939, Ravensbrück recebeu o primeiro comboio de cerca de 400 mulheres ciganas austríacas, principalmente da etnia Roma.
- Essas mulheres foram classificadas como “associais” e “racialmente inferiores” pelo regime nazista.
- Foram submetidas a esterilizações forçadas, trabalho escravo, isolamento extremo e, em muitos casos, experimentos médicos.

Helene Rosenkranz

- Campos: Ravensbrück → Flossenbürg (anexo feminino)
- Perfil: Sinteza alemã, presa por sua origem étnica
- Relato: “Eles nos chamavam de sujos. Mas minha alma nunca foi suja. E minha memória é limpa como o céu que vi ao ser libertada.”
- Contribuição: Participou de encontros memoriais e ações de reconhecimento histórico
- Legado: Seu testemunho foi usado para o reconhecimento oficial do genocídio dos Roma e Sinti

1942 – Chegada das mulheres judias

- Com o avanço da “Solução Final”, mulheres judias começam a ser deportadas para Ravensbrück.
- Muitas são submetidas a trabalhos forçados, fome, doenças e experimentos médicos.

Lola Lieber

- Campos: Ravensbrück → Sachsenhausen (anexo feminino)
- Perfil: Judia polonesa, deportada com sua irmã
- Relato: “Eles nos chamavam de números. Mas eu me lembrava do nome da minha mãe todos os dias.”
- Contribuição: Denunciou os experimentos médicos nazistas
- Legado: Testemunho usado nos Julgamentos de Nuremberg

1944 – Câmara de gás em Ravensbrück

- O campo instala uma câmara de gás para acelerar o extermínio.
- O número de mortes aumenta drasticamente, especialmente entre prisioneiras judias e doentes.

Krystyna Zaorska

- Campos: Ravensbrück → Neubrandenburg (subcampo feminino)
- Perfil: Polonesa usada como cobaia em experimentos médicos
- Relato: “Eles abriram nossas pernas como se fôssemos bonecas. Mas eu sobrevivi. E hoje ensino crianças a nunca esquecer.”
- Contribuição: Educadora e testemunha ativa do Holocausto
- Legado: Depoimentos em escolas e memoriais

1945 – Libertação

- Em abril de 1945, Ravensbrück é libertado pelas tropas soviéticas.
- Estima-se que mais de 50 mil mulheres morreram no campo.

Geneviève de Gaulle-Anthonioz

- Campo: Ravensbrück
- Perfil: Militante da Resistência Francesa
- Relato: “A dignidade humana não pode ser negociada. Nem mesmo atrás de arame farpado.”
- Contribuição: Lutou contra a pobreza e pela dignidade humana
- Legado: Fundadora do movimento ATD Quart Monde e autora de La Défaite

Bibliografia para o livreto Filhas do Silêncio e resumos históricos

Campos de concentração femininos

- HELM, Sarah. Ravensbrück: A história do campo de concentração nazista para mulheres. Tradução de Cristina Cavalcanti. São Paulo: Record, 2017. ISBN: 978-8501085715
- JACOBETT, Sigrid. Contribuições sobre os campos femininos nazistas. Universidade Humboldt de Berlim. (Participação em eventos memorialísticos, 2024).
- SEIDL, Dieter. Mulheres nos campos de concentração nazistas. Berlim: Metropol Verlag, 2005.

Fontes jornalísticas e memoriais

- BBC/G1. O esquecido campo de concentração nazista só para mulheres. G1 Mundo, 27 jan. 2015. Disponível em reportagem sobre Ravensbrück.
- Fundação de Memoriais da Saxônia-Anhalt. Eventos comemorativos: Lichtenburg 80 anos depois. Memorial Lichtenburg, 2024.

Obras complementares

- LEVI, Primo. Se Isto é um Homem. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BAUER, Yehuda. A History of the Holocaust. New York: Franklin Watts, 2001.
- LONGERICH, Peter. Holocaust: The Nazi Persecution and Murder of the Jews. Oxford University Press, 2010.

- Memorial do Campo de Concentração de Lichtenburg
Fundação de Memoriais da Saxônia-Anhalt
<https://www.sachsenhausen-sbg.de/en>

- Memorial do Campo de Concentração de Moringen
Gedenkstätte Moringen
<https://www.gedenkstaette-moringen.de/en>

- Memorial do Campo de Concentração de Ravensbrück
Stiftung Brandenburgische Gedenkstätten
<https://www.ravensbrueck-sbg.de/en>

Artigos e Documentos

- G1 Mundo. O esquecido campo de concentração nazista só para mulheres.
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/o-esquecido-campo-de-concentracao-nazista-so-para-mulheres.html>

- Revista Papéis. Discursivização das mulheres judias nos campos de concentração nazistas.

<https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/23079>

- UFES – Semana de História. Ravensbrück e o sofrimento feminino.

<https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23083/15656>

- Aventuras na História. Os horrores de Ravensbrück.

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/vitrine/historia-ravensbruck-brutal-campo-de-concentracao-para-mulheres.phtml>

- Biblioteca Torre de Vigia. Testemunhas de Jeová em Moringen.

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1101999297>

- Arolsen Archives. Documentos históricos sobre Moringen.

<https://collections.arolsen-archives.org/en/archive/1-1-28>

Sugestões de Leitura Complementar

Sobre o Porajmos e o genocídio Roma e Sinti

- RomArchive – Digital Archive of Roma Culture

<https://romarchive.eu>

Arquivo internacional com documentos, arte e testemunhos de Roma e Sinti

- USHMM – United States Holocaust Memorial Museum

Artigo: Genocide of European Roma (Gypsies), 1939–1945

<https://encyclopedia.ushmm.org>

- National Geographic Brasil

Artigo: Porajmos: o genocídio nazi da comunidade rom

<https://www.nationalgeographicbrasil.com>

Sobre campos de concentração femininos

- Sarah Helm. Ravensbrück: Life and Death in Hitler's

Concentration Camp for Women

- BBC Brasil. O esquecido campo de concentração só para mulheres

<https://www.bbc.com/portuguese>

Sobre as Testemunhas de Jeová no Holocausto

- JW.org – Biblioteca Digital

Livro: Triângulos Roxos – As “vítimas esquecidas” do nazismo

<https://www.jw.org>

- Marco Antonio Simões.

Estudo: Principais fatos relacionados ao confronto entre o Terceiro Reich e as Testemunhas de Jeová

<http://masimoes.pro.br>

Sobre memória, identidade e resistência

- Zygmunt Bauman. Modernidade e Holocausto

- Primo Levi. É isto um homem?

- Eliane Brum. O Olho da Rua – crônicas sobre invisibilidade e escuta

Parceiros Institucionais e Contatos

AMSK – Associação Mayle Sara Kali
Brasil

- Site: <https://amsk.org.br>
- Instagram: @amsk.brasil
- E-mail: contato@amsk.org.br

IRU – International Romani Union South - Escritório Brasil

Urban Nômades Brasil – Rede de Cultura e Direito do Povo
Romani

Instagram: @urbannomadesbrasil -
E-mail: urbannomadesbrasil@gmail.com



AUSCHWITZ, ALEMANHA – EXÉRCITO
VERMELHO E LIBERTOS